

Richard Giulianotti e Roland Robertson. 2009. *Globalization and Football*. Londres: Sage Publications. 199 pp. ISBN: 978-1-4129-2127-5.

Os primeiros estudos sobre o fenômeno do futebol no domínio das ciências sociais surgiram apenas nos finais da década de 1960, na Grã-Bretanha, abrindo caminho a uma nova área de investigação. A partir da última década do século XX, a investigação estendeu-se a outras realidades empíricas, com a publicação dos primeiros trabalhos sobre a cultura do futebol entre adeptos na Europa do Sul e América Latina. Embora estas abordagens procurem enfatizar as características dos grupos organizados de adeptos, salientando as suas especificidades e diferenças relativamente ao contexto britânico, resultantes das normas e valores das próprias culturas locais, a preocupação central continuava a ser o estudo da violência. No entanto, mais recentemente, observa-se um alargamento do debate teórico, através da relação do fenómeno do futebol com os processos de globalização, sendo explorados, entre outros aspetos, os desafios que a nova ordem mundial coloca às identidades locais e nacionais.

Globalization and Football constitui um brilhante trabalho que reúne, por um lado, uma das maiores autoridades académicas no campo da sociologia do desporto, Richard Giulianotti, e, por outro, um dos autores mais proeminentes da teoria da globalização, Roland Robertson. O livro incide, assim, sobre as inter-relações que se estabelecem entre os processos de globalização e os diversos aspetos sociológicos do futebol. Na realidade, é uma nova abordagem crítica no campo da sociologia do futebol, na medida em que os autores propõem uma análise que ultrapassa as fronteiras do próprio jogo, colocando em destaque o modo como o futebol se difundiu numa escala global, enfatizando as suas dimensões culturais, políticas, económicas e sociais.

Em larga medida, a abordagem seguida pelos autores surge numa linha contínua de investigação com os seus trabalhos anteriores. O enfoque desta obra na globalização e no futebol resulta de uma fusão de linhas de investigação e interesses dos dois sociólogos. Sendo Robertson uma das figuras mais proeminentes na análise social dos processos globais, ou seja, daquilo que se entende, genericamente, por globalização, o livro começa por explicar ao leitor as diferentes fases da globalização que marcaram a história da humanidade: 'germinal', 'incipient', 'take-off', 'struggle for hegemony', 'uncertainty' e 'millennial'. Este modelo da globalização constitui a base teórica para a análise do futebol, enquadrando todas as profundas mudanças ocorridas no desenvolvimento e crescimento da própria modalidade no quadro global de transformação das sociedades.

Para um melhor entendimento da abordagem seguida na obra, é importante sublinhar que, de acordo com Giulianotti e Robertson, a globalização só pode ser concebida como um conceito que 'faz referência, simultaneamente, à compressão do mundo e à intensificação de uma consciência do mundo como um todo (xi)'. O que parece importante salientar, neste ponto, é a ideia que a globalização se caracteriza por um aumento da interconexão global (por exemplo, através das grandes migrações e das comunicações digitais) e, sobretudo, pelo estabelecimento de poderosas formas de globalidade, no sentido em que as pessoas se tornaram cada vez mais reflexivas acerca do próprio mundo. Se tomarmos como exemplo os grandes eventos de futebol, tais como os campeonatos mundiais de seleções nacionais, torna-se evidente que a investigação sociológica do futebol está longe de poder ser encarada como um campo académico periférico e marginal. De fato, tal como os autores procuram evidenciar, este tipo de competições que atraem *in loco* largas dezenas de milhares de adeptos

tos de diferentes nacionalidades, a que se juntam milhões de espectadores que acompanham os eventos pela televisão no mundo inteiro, constituem um exemplo perfeito de 'conectividade' global.

O livro encontra-se organizado em cinco capítulos que terminam com uma pequena conclusão. As perspectivas global, histórica, cultural, político-económica, política e social do futebol são abordadas em cada um dos cinco capítulos, respetivamente. Contudo, é importante salientar que Giulianotti e Robertson consideram que estas dimensões não podem ser analisadas isoladamente. Pelo contrário, argumentam que se entrelaçam de uma forma dinâmica e complexa. No capítulo 1, os autores desenvolvem a sua perspectiva histórica sobre as diferentes fases da globalização, procurando uma correspondência com a própria genealogia do futebol. O maior ponto de interesse reside nas implicações que a fase *millennial*, ou seja, depois do ano 2000, caracteriza por um clima de medo e consequente intensificação de uma sociedade 'vigilada' em diferentes esferas sociais, têm no contexto do futebol.

Explorando as dimensões culturais do futebol, os autores sublinham, no capítulo 2, que a globalização do futebol deve ser entendida dentro da 'complexa interação entre o local e o global ou entre o particular e o universal' (32). A dimensão cultural da globalização tem merecido um amplo destaque no debate académico, nomeadamente no que diz respeito às oposições binárias local/global, homogeneidade/heterogeneidade, particular/universal. O conceito *glocalization*, desenvolvido por Robertson, ajuda o leitor a interiorizar o modo como as culturas locais, no contexto do futebol, têm sido capazes de contrariar as visões daqueles que defendiam que a globalização iria resultar numa homogeneidade cultural e no progressivo desaparecimento das culturas locais. Assim, o fenómeno do futebol ajuda a refutar a tese da *americanização*, na medida

em que são bem visíveis os sinais de uma 'colonização no sentido inverso', nomeadamente através das diásporas de jogadores africanos e sul-americanos em direção à Europa que contribuíram para um cada vez mais forte multiculturalismo no futebol. Para além disso, enquanto a difusão global do futebol aponta em direção a uma domínio mundial sobre outros desportos, muitas sociedades diferenciam-se na forma como organizam, interpretam a jogam o jogo. Assim, o termo *glocalization* ajuda a explicar o modo como a simbiose do local e do global difere de acordo com circunstâncias culturais específicas. Um exemplo que ilustra a forte presença do localismo no futebol é a persistência de diferentes sub-culturas de adeptos nos diferentes países e continentes. De facto, as sub-culturas desempenham um papel importante na representação da localidade ou da nação, através da performance de simbolismos particulares, designadamente no modo como se organizam, pela postura que adotam, pelos cânticos que entoam ou da maneira com se vestem. Na realidade, tal como salientam os autores, a globalização do futebol integra algumas influências culturais pós-modernas, por exemplo, através de formas contemporâneas de nostalgia que são construídas nas culturas populares e que, amplificadas pelos media, apelam à união da *comunidade imaginada* localizada.

No capítulo 3, Giulianotti e Robertson desenvolvem uma análise crítica da abordagem das dimensões político-económicas da globalização, através da exploração das consequências que a implementação das políticas neo-liberais têm tido dentro do próprio futebol e para além deste. Desta forma, segundo os autores, a desregulação do mercado tem acentuado drasticamente as diferenças económicas entre os clubes europeus do hemisfério norte e sul. Neste âmbito, é de destacar a transformação dos grandes clubes europeus em *corporações trans-nacionais*, processo esse que se começou a fazer sentir no fim

da década de 1980 e que se tem intensificado desde então. No entanto, apesar de alguns dos principais clubes da Europa ocidental e de leste se assemelharem, cada vez mais, a corporações transnacionais, Giulianotti e Robertson defendem a ideia de que 'ainda estamos longe de assistir ao triunfo inquestionável do neo-liberalismo dentro do futebol' (p.95), devido, por exemplo, entre outros aspetos, às políticas protecionistas que alguns países adotam e que têm funcionado como trava às políticas neo-liberais no contexto do futebol. Para além disso e apesar dos autores não realçarem este aspeto, parece haver indicações claras que os adeptos ainda poderão desempenhar um papel importante, no sentido de impedir que os clubes que apoiam se transformem em puras empresas, cujo único objetivo é o lucro. Esta será, na minha opinião, um dos maiores desafios que se colocam aos grandes clubes num futuro próximo: como conciliar a paixão e todo o investimento emocional que os adeptos transportam para os clubes que apoiam com a necessidade, por outro lado, de manter altos índices de produtividade económica.

Destacando as dimensões políticas do futebol, os autores discutem, no capítulo 4, o estatuto da nação e do estado-nação, e as relações com as disputas *clube versus país* que se manifestam a uma escala global. Assim, são exploradas, entre outros aspetos, as tensões entre as estratégias neo-liberais que se têm estabelecido entre a UEFA (organismo que tutela as competições europeias de clubes), os clubes e as respetivas federações nacionais. Para além disso, Giulianotti e Robertson abordam, ainda, outros aspetos políticos relevantes no âmbito da governação internacional do futebol, mais especificamente a corrupção e os 'jogos/balanças de poder' entre os diferentes atores. Nesse sentido, os autores propõem alguns modelos que poderiam reformar a governação global do futebol, mais concretamente através da ideia de *cosmopolitismo democrático*

de Jurgen Habermas. Assim, sugerem um conjunto de medidas para atenuar as acentuadas clivagens económicas que opõem, por um lado, os clubes europeus aos dos restantes continentes e, por outro, os clubes que formam a elite do futebol europeu e os restantes. Na convicção de que é possível democratizar as estruturas do futebol, os autores afirmam que há cada vez mais oportunidades para a 'hipótese de criação e no desenvolvimento de diferentes formações sociais, tais como novos movimentos sociais, ONG's, associações de futebol, na medida em que cada um encerra um conjunto particular de culturas *glocalizadas* e de estratégias políticas' (p.132).

Os aspetos sociais da globalização merecem destaque no capítulo 5 e último da obra, um campo que tem merecido amplo destaque por parte de muitos analistas sociais. Os autores defendem a ideia de que conceitos como *transnacionalismo* e *conetividade* permitem uma melhor interpretação da difusão das complexas práticas sociais no contexto do futebol. Neste campo, destacam-se as formações de subculturas de adeptos nas diferentes partes do mundo. De facto, as culturas ultra e hooligan, oriundas de Itália e Inglaterra respetivamente, influenciaram a formação de outras subculturas de vários países europeus. Da mesma forma, ainda que caracterizadas por atitudes e comportamentos diferentes, os *barras bravas* da América latina também têm conseguido influenciar outros grupos de adeptos, nomeadamente na Europa.

Assim, Giulianotti e Robertson defendem a ideia de que a possibilidade de o futebol, enquanto metáfora da globalização, poder, por exemplo, constituir um campo de *sociedade civil global*, nomeadamente no que diz respeito à inclusão social de minorias étnicas.

Ainda que muitas das propostas defendidas neste livro visem a implementação de valores assentes nas ideias de justiça social, solidariedade internacional

e num cosmopolitismo democrático, poderia ser argumentado que os autores revelam uma visão, de certa forma, romântica do futebol. De facto, o futebol, mais do que qualquer outra prática desportiva, propicia uma oposição binária ao nível dos jogadores, clubes e países. Ao longo do seu desenvolvimento, os clubes foram cimentando as suas próprias identidades culturais com base na rivalidade e na oposição a outros. As rivalidades, as paixões e as tensões são intrínsecas ao futebol e a grande maioria dos adeptos não iria abdicar delas, já que o fascínio e a atração da modalidade se devem, em grande parte, a isso. Deste modo, se nas nossas sociedades dominassem outros valores como a harmonia e o coletivismo, o futebol perderia o lugar de destaque na construção e representação das culturas populares e, consequentemente, a sua força social esvaneceria.

No entanto, apesar destas observações, *Globalization and Football* constitui, sem dúvida, um fascinante estudo que permite a exploração de novos campos e abordagens, relacionando, de forma erudita, através de uma linguagem clara e elucidativa, as transformações que têm marcado o fenómeno do futebol e as suas relações com as esferas económicas, sociais e políticas que caracterizam as sociedades contemporâneas.

Pedro Almeida

Onésimo Teotónio Almeida. 2009. *De Marx a Darwin: A Desconfiança das Ideologias*. Lisboa: Gradiva. 183 pp. ISBN: 978-989-616-334-1.

Onésimo Almeida apresenta, neste livro, um conjunto de ensaios, a partir de conferências, colóquios e dos dois cursos ('Sobre a Formação de Mundividências' e

'Sobre a Origem da Modernidade') que leciona na Brown University. As implicações teóricas que decorrem do confronto entre marxismo e darwinismo, nos domínios da ética e da construção do conhecimento, desde a segunda metade do século XX, são os temas centrais deste livro, com cinco capítulos e a conclusão.

No primeiro capítulo, *Marx Morto, Darwin Posto?*, o autor descreve sucintamente o modo como o debate sobre as ciências sociais na universidade estava marcado, até aos finais dos anos 1960, pelo estruturalismo, materialismos dialéctico, realismo crítico e, em qualquer caso, com aversão a tudo o que se traduzisse na expressão 'meramente empírico'. Os cientistas naturais encontravam-se, porém, fora deste debate, seguindo o modelo racional empírico herdado de Galileu e Newton, posteriormente enraizado em Darwin. Contudo, Darwin quase tinha desaparecido do debate público, refugiando-se os seus seguidores em investigações cada vez mais minuciosas. Os grandes temas da modernidade (liberdade, justiça, democracia e progresso) eram agora o centro do debate intelectual e universitário. Neste cenário, Marx ganha um estatuto quase divino entre os jovens universitários. Mas outro grande pensador do século XIX, Nietzsche influencia o debate como um individualista que em nada simpatiza com a causa pública ou coletiva. Os marxistas apenas salvam em Nietzsche a morte de Deus, porque reforça a causa materialista. Por seu lado, Freud afirma o poder do 'eu' e um novo pensamento sobre a sexualidade humana. Após a revolução estudantil do maio de 68, Foucault dá algum fôlego a Marx, ao conciliá-lo com Nietzsche, traduzindo a luta de classes – que em si reduzia o ser humano a um mero agente económico – em luta de poderes, reforçando, desta forma, o pensamento de Nietzsche. Assim, estava estabelecida a trindade dogmática do pensamento dominante: Nietzsche, Marx e Freud. Onésimo Almeida documenta,